

A crueldade e os modos de funcionamento do aparelho psíquico

Consequências do encontro com o Outro

Jorge Eduardo Catelli,¹ Buenos Aires

Resumo: Neste trabalho, o autor confronta as ideias de crueldade, tal como se apresentam em certas passagens das teorizações freudianas, com as conceitualizações acerca do aparelho psíquico formuladas ao longo da obra de Sigmund Freud. Considera essas modalidades de funcionamento mental como possíveis paradigmas explicativos em que podem ser identificadas possibilidades de apresentação do psiquismo na clínica, a fim de abrir possíveis vias para pensar e analisar os modos de irrupção dessas categorias. Expõe o caso de uma jovem mulher que chega à análise com condutas bulímicas e num profundo submetimento à figura materna, com quem sustentou uma espécie de lactância nos primeiros 24 anos de vida. A partir das formulações teóricas precedentes, analisa a manifestação da crueldade no mundo enlouquecedor da paciente e mostra parte do processo de psicanálise levado adiante.

Palavras-chave: bulimia, anorexia, crueldade, próximo, semelhante

Pois as crianças não gostam de ouvir quando se fala da tendência inata do ser humano para o “mal”, para a agressão, a destruição e, com elas, também para a crueldade. Deus as criou à imagem e semelhança de sua própria perfeição, e não querem admitir o quanto é difícil conciliar a indiscutível existência do mal – apesar das asseverações da Christian Science – com a onipotência ou a infinita bondade de Deus.

SIGMUND FREUD, *O mal-estar na civilização*

1 Membro da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) e da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal). Membro titular com função didática da Associação Psicanalítica Argentina (APA). Professor do Departamento de Ciências da Educação, Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade de Buenos Aires (UBA).

Introdução à ideia de crueldade na psicanálise freudiana e ao presente escrito

Com a epígrafe de referência, podemos ter uma primeira aproximação da problemática da crueldade na obra freudiana, tal como aparece no original em alemão (*Grausamkeit*), partindo de uma citação de Goethe – de modo irônico, claro –, que evidencia a concepção freudiana acerca da característica *inata* que atribui ao mal, à destruição e ao mal.

Com o presente trabalho, baseado eminentemente em um quadro referencial freudiano, proponho-me a confrontar a ideia de crueldade que aparece em certas passagens das teorizações freudianas com as conceitualizações acerca do aparelho psíquico formuladas ao longo da obra de Sigmund Freud. Tais “modelos” são os que originaram as conhecidas tópicas freudianas, fundamentalmente aquelas desenvolvidas com os modelos de 1900 e 1923, relativos aos modos de funcionamento do aparelho mental, descritos e desenvolvidos como possíveis paradigmas em que podem ser identificadas modalidades de apresentação do psiquismo na clínica, para abrir possíveis vias que permitam pensar e analisar as formas de irrupção dessas categorias. Freud retoma a crueldade, bem como outras categorias que haviam sido temas próprios da filosofia, da teologia e mesmo da religião, desde sua lógica analítica, particularmente dedicada a situar “o mal” suspendendo a categoria de valoração moral, própria daquelas disciplinas, para se aprofundar na lógica de suas origens e na metapsicologia que permita a compreensão psicanalítica desses fenômenos inerentes ao humano.

Foi por intermédio de Jorge Winocur, professor da escola argentina de psicanálise, que tive a oportunidade de estudar e discutir parte dessas ideias freudianas, na sua relação com os modelos do aparelho psíquico, e, posteriormente, continuei a desenvolvê-las com Tessa Zaefferer. Retomarei algumas dessas ideias neste escrito, agora nesta nova articulação e na confrontação conceitual mencionada.

Meu objetivo é propor e desenvolver essas ideias para mostrar o processo psicanalítico e a compreensão clínica por meio do caso de uma paciente que se apresenta, na primeira entrevista do que viria posteriormente a ser uma análise de alta frequência, com condutas anoréxicas e bulímicas; uma paciente melancólica, que depois contaria que sua lactância se prolongou por 24 anos. No caso citado, relaciono o eixo da crueldade com o que constituiu o submetimento a permanecer num lugar infantilizado de “lactante” durante mais de 20 anos, transtornando de maneira delirante seu modo de organizar o psiquismo e, conseqüentemente, de expressar a vida e o pensamento em relação aos outros.

A crueldade e a pulsão

Na realidade, não existe nenhuma “extirpação” da maldade. A investigação psicológica – em sentido mais rigoroso, a psicanalítica – mostra, isto sim, que a essência mais profunda do homem consiste em moções pulsionais, de natureza elementar, que são iguais em todos os homens e têm por meta a satisfação de certas necessidades originárias.

SIGMUND FREUD, “Reflexões para os tempos de guerra e morte”

O mal, na conceituação freudiana, além de ser inato, é inerente ao homem. É também nessa linha que podemos analisar os limites firmados no tocante à educação, como atividade humana “impossível”, junto com a de governar e a de psicanalisar. Nesse sentido, o surgimento da crueldade exclui uma potencial e almejada “harmonia” no ser humano: a essência do homem, aquilo em razão do que o mal pode ser situado na categoria de necessário, radica nas moções pulsionais de natureza elementar. Freud adverte que os instintos não se reduzem às categorias de bom ou mau, o que, como dizia antes, o distancia do lugar moral em sua teorização e análise. As categorias mencionadas, de crueldade, maldade e destrutividade, mostram-se aqui, então, como produto do encontro entre as moções pulsionais e a comunidade humana. Apartando-se amplamente do campo filosófico, já em 1905 Freud situa essa articulação em relação ao seu trabalho clínico, do qual depreende suas análises e sua categorização ao longo de sua obra, no que posteriormente será teorizado com o conceito de *Trieb* (traduzido para o espanhol primeiro por “instinto” e depois, com maior amplitude semântica e conceitual, por “pulsão”, abrindo-se, com essa última tradução, outros debates a respeito de seu afastamento do mais animal, que o conceito de instinto trazia).

Freud propõe três conceituações relativas à temática que nos ocupa: pulsão de agressão (*Aggressionstrieb*), pulsão de destruição (*Destruktionstrieb*) e pulsão à crueldade (*Trieb zur Grausamkeit*). Essa última surge precocemente (Freud, 1905/1978) e permite falar de todos os termos situados na mesma série do que Freud chama de *o mal* (*das Böse*) em diversos artigos e de diversos modos. José Etcheverry discorre largamente a esse respeito na introdução a sua versão castelhana [publicada pela editora Amorrortu] feita diretamente do alemão, com base na organização estabelecida por James Strachey.

Freud (1905/1978) vai dando vários estatutos à crueldade. Em alguns lugares, como uma pulsão em si mesma ou, melhor dizendo, como uma “pulsão que conduz à crueldade” (*Trieb zur Grausamkeit*). Depois, como um componente da pulsão sexual, “a dor e a crueldade como componentes da pulsão sexual” (p. 154). Um pouco adiante, situa mais uma coordenada,

anteriormente desenvolvida no “Projeto” e que retornará posteriormente, no tocante ao trabalho da identificação, como uma possibilidade de modular essa crueldade:

Com independência ainda maior das outras práticas sexuais ligadas às zonas erógenas, desenvolvem-se na criança os componentes cruéis da pulsão sexual. A crueldade é algo totalmente natural no caráter infantil; com efeito, a inibição em virtude da qual a pulsão de apoderamento se detém ante a dor do outro, a capacidade de se compadecer, forma-se relativamente tarde. (p. 175)

Por outro lado, Freud assinala, na articulação da crueldade com a pulsão sexual, sua independência em relação a outras práticas sexuais ligadas às zonas erógenas, sublinhando a particularidade dela, e como qualquer componente da pulsão, a crueldade poderá se enlaçar com outros e ter novos destinos, como no masoquismo ou no sadismo.

Em *O mal-estar na civilização*, articula *das Böse* com a ameaça de perda do amor do outro, considerando as características substanciais da condição humana apontadas pela psicanálise, de prematuração e desamparo: “Portanto, inicialmente o mal é aquilo devido ao qual alguém é ameaçado com a perda do amor; e é preciso evitá-lo pela angústia ante essa perda” (Freud, 1930/1986b, p. 120).

Esses últimos eixos reconduzem à articulação entre pulsão, crueldade e o outro, sobre quem a crueldade pode avançar de modo demolidor, de acordo com os avatares das possibilidades e formas de identificação em jogo. Isso me leva a pensar e a abrir a ideia do próximo e do semelhante.

A crueldade e o *Nebenmensch*, enquanto o outro, o semelhante e o próximo

A história da cultura humana ensina, para além de qualquer dúvida, que crueldade e pulsão sexual estão intimamente relacionadas.

SIGMUND FREUD, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*

A experiência com o semelhante, tal como Freud a descreve no “Projeto para uma psicologia científica” (1950[1895]/1986d), pode ser compreendida como aquela que constitui, com uma ação inaugural – a tão falada “nova ação psíquica” (Freud, 1914/1984b, p. 74) –, a saída da clausura narcisista, o reconhecimento do outro, a empatia e a compreensão do sujeito em germe, para dar lugar a sua constituição (Catelli, 2016a, 2019).

O eu e o objeto se descobrem e se reconhecem simultaneamente. Entendo esse complexo de processos psíquicos como decorrentes do trabalho da identificação, compreendida como uma atividade de pensamento inconsciente, de raciocínio do aparelho, que permite ir estabelecendo pontos de coincidências e de diferenças, e abre algumas dimensões entre um “próximo” e um “semelhante” (*Nebenmensch*) (Catelli, 2016b, 2019, 2020).

Tal como formulei anteriormente (Catelli, 2016b), o sistema narcisista, enquanto sistema defensivo, tende a ser refratário ao estímulo, impossibilitando o encontro com o objeto e o reconhecimento da alteridade.

“O sofrimento nos ameaça por três lados”, diz Freud: do próprio corpo, do mundo exterior e das relações com os outros seres humanos. É esse último que é descrito por Freud como “o sofrimento [que] talvez nos seja mais doloroso que qualquer outro” (1930/1986b, pp. 76-77).

Vizinho é a palavra que usamos para designar a pessoa que vive no mesmo bairro ou as coisas que estão perto. Nosso vizinho é aquele que mora perto da nossa casa, e as cidades vizinhas são aquelas situadas nos arredores da nossa.

O latim *vicinus* deu lugar a *voisin* em francês e a *vicino* (acercado) em italiano. Em alemão, desde o AHD e o MHD,² *Nachbar*, de onde em seguida surge *neighbor*. *Nach* significa “seguinte”, “próximo”. *Nachbar* é como *neighbor*, aquele que está contíguo, ao lado, perto. Todos sabem quantos problemas podemos ter com os vizinhos, afora a potencial solidariedade, proximidade e laço.

O vizinho pode operar como representante desse *semelhante* em quem reencontrar algo conhecido, solidário e amável, que pode despertar o desejo de proximidade definidor do laço – uma dimensão do *Nebenmensch* –, ou como representante do *próximo* enquanto estrangeiro temido, algo do desconhecido que desperta o terror do encontro com o irredutível do “outro do outro” – mais uma dimensão desse *Nebenmensch* –, que desperta o narcisismo das pequenas diferenças. Assim, nessa dupla vertente, entende-se a manifestação da crueldade em função dessa potencial estranheza em relação a um outro que, considerando o anteriormente dito, possa vir a ocupar a categoria de próximo, como dimensão do mencionado *Nebenmensch*. A impossibilidade de identificação com o outro para além do narcisismo limita as possibilidades de modulação da crueldade, enquanto localização do si mesmo em relação a esse outro. Faz parte de uma “desconsideração”, em que o outro é inimigo nessa estrutura constitutiva do psiquismo e da vida em sociedade.

Em 1918, Freud cita Ernest Crawley (1902), o qual, com expressões que pouco diferem da terminologia empregada pela psicanálise, afirma que cada indivíduo se separa dos demais mediante o que ele chama de *taboo of personal*

2 NT: *Althochdeutsch* (até os séculos 10 e 11) e *Mittelhochdeutsch* (entre 1050 e 1350) são fases na evolução da língua alemã.

isolation (tabu de isolamento pessoal), e que justamente as pequeninas diferenças, dentro da semelhança geral, motivam os sentimentos de estranheza e de hostilidade entre eles. Freud diz que “seria tentador perseguir essa ideia e derivar desse ‘narcisismo das pequenas diferenças’ a hostilidade que em todos os vínculos humanos combate vitoriosamente os sentimentos de solidariedade e sobrepuja o mandamento de amar o próximo” (1918/1986e, p. 195). Em 1930, declara com ironia e crueza:

Depois que o apóstolo Paulo fez do amor universal aos homens o fundamento de sua comunidade cristã, a intolerância extrema do cristianismo ante os que permaneceram de fora tornou-se uma consequência inevitável. Os romanos, cuja organização estatal não se baseava no amor, desconheciam a intolerância religiosa, apesar de entre eles a religião ser assunto de Estado e o Estado ser permeado de religião. Tampouco foi um acaso incompreensível que o sonho de um domínio mundial germânico tivesse como complemento o antissemitismo. (1930/1986b, p. 111)

Seguindo Freud e as leituras que dele faz Jorge Winocur (1996), podemos conjecturar esse modelo de aparelho psíquico refratário ao estímulo – tanto pulsional quanto externo, tanto do *vizinho* do mundo exterior, esse próximo temido, quanto do *estrangeiro* pulsional que o habita – como um aparelho regido no começo pelo princípio de inércia, incapaz de tolerar o aumento de quantidade: funciona de modo narcisista, refratário, reflexo, tentando despojar-se da excitação e, desse modo, do objeto, ao estilo do modelo que Freud descreveu em 1900. Aquele primeiro modelo do aparelho psíquico mostrava um aparelho “saturado”, em que todo estímulo seria refratado, na medida em que carecia de qualquer capacidade para contê-lo, ao estilo do sistema reflexo.

Considero com Freud que a tentativa fracassada de eludir a existência perturbadora do corpo e o insuportável da realidade também consegue, por recalçamento, a anestesia sexual: a sexualidade é considerada um corpo estranho, sempre com seu aspecto traumático, aquilo que pulsa e de que é preciso se defender.

A dor psíquica provocada pela perda do objeto assume o modelo da dor corporal, que simultaneamente reconduz ao desvalimento psíquico: a famosa *Hilflosigkeit*, que exprime o estado de desamparo e impotência iniciais, fundamenta uma intimidade constitutiva de suporte do sujeito por parte de um outro³ (cf. Žižek et al., 2010, p. 125) e se atualiza de forma reiterada (Catelli, 2014). Em muitos casos, esse objeto perdido não é mais que mera “aparência” de objeto, que encobre parte do eu. Sua perda, então, se expressa como uma

3 Refiro-me ao *Nebenmensch* já mencionado.

“hemorragia interna” ou como uma “ferida aberta”,⁴ pela qual ocorre uma fuga de libido, cuja perda faz o sujeito penar. Estou falando da melancolia, esse quadro clínico que mostra de modo totalmente espetacular o supereu castigando o eu com suas reprimendas (*Vorwürfe* seria, em termos literais, “jogado na cara, na sua frente”) e o eu submetido a esse estado confusional, em que não sabe que aquilo que se perdeu, pelo antecedente necessário de “narcisismo e ambivalência com o objeto”, é uma parte do próprio eu.

Um segundo modelo de funcionamento do aparelho psíquico é o mais “objetual”. Coincide com a segunda teorização que Freud realiza a partir de 1920 (1923-1924), em que é formulada outra dimensão possível de funcionamento: aquele aparelho psíquico que, do ponto de vista quantitativo, estava saturado (Freud, 1900/1979), com a reformulação do princípio de prazer, depois da conceituação da pulsão de morte, passa a ser uma tendência a buscar ritmos, contrastes, diferenças e estímulos. Esse funcionamento do aparelho psíquico procura tensões, procura o objeto e encontra prazer na diferença. Esse modo de funcionamento abre uma continuidade possível para a realização do trabalho da identificação, tal como Freud formula em 1939, no final de sua vida, num possível “passo na direção da espiritualidade”, enquanto complexificação do aparelho psíquico e de seu funcionamento, pelo trabalho psíquico mencionado, que modera a crueldade pela vivência prazerosa do exercício de agressão e destruição do outro.

No segundo modelo de funcionamento do aparelho psíquico, não é mais a descarga que caracteriza o princípio regulador central, o prazer, que na teorização anterior tentava se livrar da tensão e reduzi-la ao mínimo possível. Agora esse funcionamento ficaria do lado do princípio de nirvana, ligado à pulsão de morte.

Feita essa aproximação teórica a dois modos de funcionamento do aparelho psíquico, em articulação com o conceito de crueldade, introduzo um recorte de material clínico que pode, a meu ver, ser pensado em relação a esses modos de funcionamento.

Da clínica

Mirta⁵ chega à primeira entrevista com 31 anos de idade, após duas experiências terapêuticas presumidamente psicanalíticas. Aos 24 anos, durante dois anos, trabalhou com uma analista que ela comenta ter falecido: “Ela era minha analista-mãe e agora morreu. Eu chorava e ela me continha, mas acho

4 Cf. Freud (1950[1895]/1986d, p. 351; 1917/1984a, p. 250; 1920/1984c, pp. 29-30; 1926/1986a, pp. 158-160).

5 Conto com o consentimento declarado da paciente, a quem, nesta apresentação, me refiro com esse nome fictício.

que não se importava... Como acho em relação a todo mundo, que na verdade ninguém se importa comigo”.

Com muita facilidade podia mostrar um ódio furibundo e chorar quase simultaneamente. Cada vez que aparecia, seu ódio se fazia sentir por olhares marcados por um cenho franzido, a boca tensa e um tom ameaçador. Irritava-se com pouco e se aterrorizava com menos ainda, passando de um transbordamento a outro. Pensando a partir do modelo proposto alguns parágrafos atrás, pequenas “quantidades” a faziam transbordar, gerando ataques de fúria para se descolar desse objeto perturbador, enganoso e estranho.

O tema da morte do analista ocupa um lugar muito significativo na análise de Mirta. Sua analista morta tinha sido “cruel” com seu desaparecimento repentino, um desaparecimento com a contundência rotunda da morte. Embora já tivesse concluído aquele período de análise, quando Mirta soube da morte daquela profissional, surgiu uma fantasia culpógena a respeito do fato. A ideia inconsciente de ter matado sua analista se impõe a ela, como resultado de ter gostado demais dela. A fantasia de tê-la esvaziado, ter chupado seu sangue – tal como um vampiro, como uma criança que sente sua voracidade como algo destrutivo, algo que poderia matar o outro se este não tolera e não amortiza suficientemente sua demanda –, é ressignificada nessa circunstância como a periculosidade de seu amor, que poderia matar o ser amado. O amor passa, então, a ficar marcado por uma crueldade que ela mesma teria vivido. Isso eu viria a saber depois, à medida que se desenrolava o processo de sua psicanálise. Nessa linha, a vivência que Mirta tem é de ser alguém destrutivo, um ser que causou danos a sua analista mulher e a matou com seu amor – crueldade que viria a aparecer várias vezes em sua voz ativa e passiva, tal como as dimensões de articulação da pulsão, em função de seus submetimentos e de seu modo de ter padecido a crueldade de uma mãe gravemente perturbada.

Por outro lado, sua analista a abandona ao morrer. Isso desperta uma forte agressividade por parte de Mirta, que é projetada no objeto, numa ressignificação de suas situações infantis, em série com essas situações atuais. A interpretação dessas transferências dá a impressão de que sua própria mãe nunca tolerou muito essa voracidade, essa demanda amorosa de Mirta bebê, deixando nela a sensação de periculosidade e de possibilidade realizável de matar o outro com seus pedidos e insistências. Tempos depois de iniciada a análise, ela comentaria, a propósito desses pontos, algumas lembranças infantis em que sua mãe, brava por alguma desobediência de Mirta, a teria ameaçado cruelmente com a possibilidade de “morrer de desgosto”. Esse tipo de cena se repetiria sistematicamente ao longo de sua vida no laço com a mãe. Mirta lembra seu terror ante essas ameaças como o submetimento a um universo cruel, que a fazia padecer irremediavelmente ou ter de ficar paralisada.

Aos 28 anos, estive em análise durante um ano e meio com um homem.

Ele me aliviava a carga. Mas as sessões eram muito curtas, às vezes de apenas cinco minutos. Com ele fiz a mesma coisa que com ela, aproveitei umas férias e disse que não ia mais. E nunca voltei. Chegava sempre no horário. Quando chego no horário, significa que gosto.

Reaparece a representação de “se livrar do objeto” – nesse caso, com a versão do analista se livrando dela, que vai mostrando novamente o citado modo de funcionamento, a própria Mirta fugindo e evitando os estímulos.

Mirta é filha de Inmaculada, galega, e Ramón, da província argentina de Jujuy – *coya*⁶ –, que se conheceram em Buenos Aires assim que Inmaculada chegou à Argentina, na tentativa de romper com a história de uma desilusão amorosa e do luto pela morte de um filho de 2 anos de idade, o qual ela nunca mais evocaria ante os filhos e a família em sua “nova história”. Ramón trabalhou muitos anos numa farmácia num bairro da periferia de Buenos Aires, estudando para obter o título de idôneo e conseguir, desse modo, gerenciar o negócio.

Em 1985 – aos 25 anos – Mirta foi morar sozinha. “No começo, ninguém gostou da ideia. No fim, meu irmão mais velho, Santiago, me ajudou”. Referindo-se a ele, diz: “Ele é para mim mais do que um irmão. Se ele morrer, eu também morro”. Esse sintagma marca muitas das situações confusas com um objeto que não é mais do que uma parte dela mesma. O lugar do duplo a quem teme matar. O amor é perigoso porque rapidamente pode provocar a morte. Amar se transforma com facilidade em crueldade contra o objeto, dentro desse modo de funcionamento psíquico.

Mirta descobre a história prévia da mãe em uma viagem para a Espanha em 1992, onde realiza uma pós-graduação em alimentação parenteral, para em seguida trabalhar com isso em um dos hospitais pediátricos da cidade de Buenos Aires, alcançando ali, e no país todo, um desenvolvimento profissional significativo e com muito reconhecimento.

É durante essa viagem, na casa de sua tia Laura, enquanto come um prato de arroz – momento de sua alimentação –, que fica sabendo ter um irmãozinho que faleceu em consequência de uma doença desconhecida aos 2 anos de idade. Essa revelação foi feita de forma casual e cruel, sem nenhuma consideração quanto ao impacto que teria sobre Mirta. A partir desse momento, Mirta para de comer normalmente e surgem condutas anoréxicas e depois bulímicas, que atingem seu nível de maior expressão quando chega à análise e durante os primeiros anos dela. Um ano depois de iniciado o tratamento, me contaria de suas “sessões” bulímicas após as sessões psicanalíticas. Chegava à sessão comendo um alfajor em cuja embalagem estava escrito em letras enormes e chamativas o diminutivo de meu nome: Jorgelín. Esse ato realizado sob meus próprios olhos

6 NT: termo pejorativo que associa povos originários da Argentina com pessoas de escassa cultura.

na sessão me era enigmático no princípio e, ao mesmo tempo, inquietante. Foi necessário esperar as associações a esse respeito, em que me disse que depois das sessões vomitava o alfajor, para poder adentrar no sentido inconsciente dessa situação. Comer o alfajor Jorgelín era um modo de me mostrar como minhas palavras e intervenções ingressavam numa metáfora oral de incorporação. A tolerância a minhas palavras, ao estilo do modelo do aparelho psíquico com que comecei este trabalho, era baixa. Não havia outra alternativa senão vomitar o que tinha sentido, que na sessão “tinha sido obrigada a engolir”.

Nas suas próprias palavras, foi para a Espanha “intuitivamente”, em busca de uma verdade. Algo a levou para lá, e encontrou o que tinha que encontrar.

Numa das primeiras entrevistas, Mirta conta que tomou mamadeira por muitos anos. Ante a pergunta de quantos anos exatamente, tenta ser evasiva, até dizer: “Minha mãe me deu mamadeira até os 24 anos. Eu não podia dizer não pra ela”. Não queria ser *cruel* com a mãe.

Nem falávamos. Íamos para a cama, ela deitava de um lado e eu do outro, apoiava a cabeça no peito dela, e ela me dava mamadeira. Não sabia como cortar isso. Ao mesmo tempo, gostava. Sentia que, se dissesse que não queria mais, ia matá-la.

Vomitando depois das sessões o alfajor Jorgelín era um modo de recusar, através dessa conduta sintomática, a mamadeira intrusiva e cruel dessa mãe que não podia reconhecer o crescimento da filha durante tantos anos. Era uma forma de modular a crueldade em que havia vivido e funcionado. Golpes simbólicos e intolerâncias reiteradas de seu desenvolvimento de menina, adolescente e jovem mulher, em que não se refreava a crueldade de sua recusa. Se a sexualidade “é poliglota e se expressa em diversas línguas”, Mirta falaria o idioma do despojo, do território arrasado, com a pretensa – e pretensiosa – intenção de arrancar a sexualidade pela raiz, tal como as imagens que dizia conseguir encontrar nos restos de seus vômitos provocados, enquanto se especializava em outro dos territórios do despojo, nas bordas mesmo da vida humana: as unidades de terapia intensiva. Esses eram os cenários possíveis para ressuscitar aquele irmãozinho e, em certo sentido, também a ela mesma. Foi desse modo que a unidade de *terapia psicanalítica*, também *intensiva*, teve de ir se constituindo em um espaço de resgate, ressuscitação e suporte, a partir de um território perigoso, já que *viver* era uma forma de *sobreviver*, para além de sua mãe cruel, e isso implicava a possibilidade de feri-la e não poder de modo algum repará-la.

Conta que depois da primeira entrevista “vomitou tudo”, metáfora de verter tudo nesse primeiro encontro e, ao mesmo tempo, de não poder reter quase nada: um rechaço visceral.

Em 1993 estive em Cuba e ali se apaixonou por um cubano homossexual, a quem ajudou para “salvá-lo dos tubarões” – metáfora que circula em Cuba para descrever a possível saída daquele país –, trazendo-o para Buenos Aires, sustentando-o economicamente e alojando-o na sua casa e na sua própria cama. Diz a esse respeito: “É como se fôssemos um casal. Até dormimos de conchinha, mas sem sexo. Tem algo melhor? Que mais posso pedir?”.

Era um esforço grande e aparentemente bem-sucedido no tocante a seu modo de estar com um homem, evitar a atividade sexual com ele e a sufocação dos afetos conjurados pela sexualidade. Na análise recém-iniciada, minhas palavras a roçavam, impactavam e penetravam, e a maneira de se desfazer dessas intrusões era por meio do vômito, que, agora em transferência, ganhava um novo sentido. Minhas palavras também podiam ser muito cruéis se eu não refreasse seu ritmo e intensidade, como o gotejo próprio da alimentação parenteral. O timing era medido em termos de suas ações bulímicas depois das sessões.

O cubano também tinha *salvado ela mesma da crueldade dos tubarões*, se os entendermos como a expressão da genitalidade em linguagem oral. Nesse sentido, não correr perigo de ser tomada como objeto erótico implicava ser resgatada de uma ameaça estremecedora, evitando assim a desilusão amorosa e a morte de um filho.

Na Espanha também soube dos rituais a que sua mãe, ainda adolescente, tinha sido submetida dentro da liturgia animista e religiosa daquele povoado da Galícia, para encomendar a saúde do filho amado e odiado a todos os santos, para que o salvassem do que seria seu leito de morte. Segundo os relatos da tia, sua mãe fora levada em procissão pelas ruas do vilarejo, acompanhada de familiares e representantes da Igreja católica, que iam rezando e cantando louvores a deus em uma oferenda simbólica da vida de Inmaculada. Efetivamente, tal ritual implicou uma simulação ritualística da morte efetiva da mãe adolescente, que fora levada com mortalha e flores dentro de um ataúde, no ombro de primos e sacristãos. Nada de tal ritual parece ter sido eficaz para salvar a vida da criança doente. Mas teve uma eficácia simbólica na vida de Inmaculada, que precisou deixar naquele ataúde aquela vida, o início traumático em sua sexualidade adolescente, sua maternidade precoce e culpabilizante, o abandono de seu jovem namorado e o escárnio de um povoado inteiro que a acusava, como posso conjecturar que evidentemente faria seu supereu. Daquela vida, “essa outra vida” – segundo Mirta –, Inmaculada não falaria mais até sua morte, aos 95 anos de idade, em 2017. Mirta também havia aprendido, via identificação, a *encaixotar* a sexualidade, a se fazer de morta-viva e a deixar em outro continente de seu psiquismo seus desejos e as cicatrizes de seus representantes pulsionais, que vez ou outra tentariam perturbá-la novamente, procurando voltar à vida, e mesmo assim toda ela

estava comprometida em extinguir aquele mal-estar, a ponto de comprometer a própria autoconservação, no momento de chegar para a primeira entrevista. A lógica do ritual significava uma equação cruel: oferecer simbolicamente a vida de Inmaculada em troca da vida real da criança. O resultado trágico se estendeu em sua eficácia e traumatismo à geração seguinte.

Um sonho confundido com vigília

Sua melhor amiga, Alcira, morrera em abril do ano anterior à primeira entrevista do que seria uma longa análise de alta frequência (por mais de uma década), no parto da primeira filha. Mirta chora cada vez que fala dela.

A propósito de Alcira, chega para uma sessão, durante o sexto mês de tratamento, senta-se no divã, começa a lacrimejar e diz:

Hoje me sinto bem. Estou contente. É que ontem estive com Alcira. Conversamos muito. Conversamos depois de tanto tempo. Na verdade, eu não sabia como fazer. Precisava falar com ela, mas você sabe como é quando se trata de má conduta. Era estranho, nos abraçamos tanto... Ela me perguntou se eu sabia o que tinha acontecido. Então eu te olhava de lado e você me fazia um gesto tranquilo com a cara, como que dizendo que podia falar. ... Vai saber quando vou poder vê-la de novo. Mas fiquei com uma sensação boa por ter estado com ela.

O clima da sessão era habitualmente denso. A sensação de opressão e peso era própria do pesadelo em que vivia e que se reeditava em cada sessão. Precisava ter especial cuidado em como “despertá-la” com minhas palavras, medindo o conteúdo de modo suficientemente tolerável, a fim de não passar para a crueldade que se repetia em diversos âmbitos de sua vida.

Contudo, quando lhe perguntei quando teve o sonho, Mirta me olhou com certo alívio e fez um longo silêncio, para em seguida dizer “Hoje à noite”, como se agradecesse pelo fato de não tê-la considerado louca por haver falado com sua amiga/analista morta. Esse tipo de confusão, entre o estado de vigília e o de alucinação onírica, apareceu reiteradamente, em especial nos primeiros anos de análise, ressaltando o continuum entre um estado e outro, e confundindo fatos de sua vida cotidiana, em vigília, com os de seus estados oníricos e de devaneios histéricos.

As associações do sonho conduziram, primeiro, ao relato do que ela presumia ter sido a “má conduta” dos médicos que atenderam sua amiga. Outra crueldade sobre um objeto amado. Depois associou com as sessões da análise recentemente começada. A seguir associou com o hospital, lugar habitual de seu trabalho cotidiano e lugar a que acudiam as crianças para serem curadas

de doenças leves, e também graves. Em relação a essas últimas associações, recordou ainda suas denúncias a respeito da desconfiança quanto ao sistema de saúde, aos médicos e à corrupção entre dirigentes, políticos e laboratórios. A cena onírica contava com três instâncias em jogo: uma que a representava, outra que representava a amiga morta e outra que me representava, aparentemente silente e aprovando suas palavras.

Dado que Mirta podia reviver de modo enlouquecedor qualquer dessas lembranças no meio de sua atividade cotidiana, introduzindo os personagens de suas lembranças de modo quase alucinatório, mas ainda conservando um senso doloroso de realidade, minha primeira intervenção em relação ao relato do sonho teve a ver com aquela diferenciação – “Quando você teve esse sonho?” –, ainda como uma hipótese a respeito desses enunciados, que não eram de todo claros e que aparentemente se referiam a um encontro de fato acontecido em sua realidade material com a amiga. Depois de suas primeiras associações, apontei-lhe sua preocupação com as más condutas e sua desconfiança dos médicos, entre os quais com certeza eu podia me encontrar, provavelmente interessado em outras coisas, mas pouco em sua vida, como ela conjecturava em relação aos profissionais do hospital infantil em que trabalhava, desempenhando sua tarefa de preparação de alimentação parenteral para pacientes muito graves. Interpretar essa situação transferencial também teve um efeito quase imediato de alívio, que ela acompanhou da seguinte associação: “Quando você me diz coisas de que não gosto, paro de te escutar e te vejo como nos filmes mudos, em que você move os lábios, mas não ouço o que diz”.

Efetivamente minhas palavras tinham de sair com um gotejo medido – essa era uma de suas especialidades com a alimentação parenteral – e eu tinha de contar com uma boa administração da cabine de fluxo laminar, que aprendi a conhecer com ela, com que preparava aquela alimentação de modo a não ser contaminada. O amor transferencial era um contaminante importante de que tinha que se defender para evitar a crueldade implicada no vínculo com o objeto, a crueldade do amor narcisista. O amor de objeto era perigoso, deixava rastros em seu corpo e em seu psiquismo. A eliminação sistemática através dos vômitos e laxantes, mesmo que à custa de colocar em risco a vida, tentava ajudá-la a se despojar de todo rastro do outro sobre ela, ao modo do aparelho psíquico refratário antes explicitado.

“Por que você aprovou que eu falasse com Alcira? Para que eu deixe os mortos?”. Respondi-lhe que era uma boa ideia deixar os mortos e que, no entanto, essa Mirta do sonho também me representava em minha tarefa analítica com ela, representada pela representação contrária daquela Alcira morta, já que estava mais viva do que nunca, como ela, falando comigo e tentando compreender uma sucessão de lutos silenciados, mas ainda assim herdados. “Jorgelín” também era capaz de lhe oferecer, com enorme paciência,

minúsculas migalhas que podiam chegar a ser saborosas e paulatinamente toleráveis e dar nome à negligência do outro, em que ele mesmo podia se incluir e reconhecer, em uma vivência surpreendente, aliviadora e elaborativa para Mirta. Aquele Outro negligente e falho, que ao longo de toda uma vida tentara silenciar sua própria história, a história familiar, e que ela viria a denunciar sistematicamente em diversos âmbitos de sua vida, começava a se desarticular ao ser colocado em jogo na cena transferencial e ao ser interpretado em relação a suas séries psíquicas.

Mirta era também a Alcira de seu sonho, morta e viva, mal suturada na hemorragia interior de sua melancolia, confundida com a criança nascida – como a mãe adolescente da Galícia, mas sendo agora a mãe que haveria de morrer –, em relação a quem tentava situar uma diferença e de quem tentava se despedir. A interpretação do sonho esteve marcada por essas ideias e, paulatinamente, foi se evidenciando uma tramitação, peça por peça, de vários objetos em lutos postergados, que iam ganhando lugar na trama do desenvolvimento do processo psicanalítico.

Sobre a internação na análise e refrear a crueldade em transferência

Quando Mirta apresentava alguma melhora, imediatamente sobrevinham fantasias hipocondríacas transbordantes, tumores, doenças que a deixariam num estado terminal, cânceres e todo tipo de leucemias.

Até que, num determinado momento, confessou:

PACIENTE: Mas me acalma um pouco imaginar que me levam para o hospital e, pelo menos ali, a decoração é linda.

ANALISTA: Você pode se internar aqui, na análise.

PACIENTE: Muitas coisas... Tem coisas demais no seu consultório. Muitos objetos. Livros demais. Não sei. Mas podia ser.

Fica pensando.

Entendo isso como uma queixa dos outros objetos de seu analista: “tem coisas demais”, “muitos objetos”, outros objetos que não são ela. O mundo do analista, povoado de coisas, que não lhe dão exclusividade. Subjaz aí a pergunta de se há ou não lugar para ela em mim, na minha vida, na minha cabeça.

Já não faz um bom tempo que estou internada aqui? Quero garantir meus cuidados com a saúde. Se não me ocupo disso agora, não vão querer me aceitar num plano de saúde novo, porque se não for câncer, já vou ter outra doença.

O risco também era este: estar instalada na análise, apesar de todas as suas tentativas de se livrar de mim; ser aceita com seus vômitos e aprendendo o timing de tolerância ao gotejo de minhas palavras, para tentar evitar os transbordamentos e ampliar a capacidade psíquica de tolerância a esses estímulos. Considero esse segundo momento possível, com base no segundo modelo do aparelho psíquico em Freud, de acordo com as teorizações de 1924 (Catelli & Zaefferer, 2013).

Na verdade, Mirta não estava equivocada. Fazia anos que estava internada em sua análise e, com dor, ia tolerando – gota a gota – uma maior quantidade de objetos em sua vida, em seu mundo mental bidimensional, desafiando paulatinamente essa “tendência a manter constante a excitação” (Breuer & Freud, 1893-1895/1985, p. 208).

“Falar com as pessoas” é um grande esforço, costumava dizer. Dirigir-se a outro implica formular uma demanda, e isso acaba pondo em jogo uma necessidade humilhante, que a coloca em risco de mostrar ao outro que pode ser desejante. Desejante para além do desejo materno alienante, uma mãe gravemente perturbada, que tinha se estabilizado em sua patologia, com uma filha-objeto. Mirta vivia cada mostra da disrupção desses estados como uma humilhação irreparável, que a afastava de sua “tendência à estabilidade” (Freud, 1920/1984c, p. 9). Essa é, incontestavelmente, uma moléstia constante que a atormenta. Essas “excitações” (*Aufregungen*) provocadas pelos objetos estavam destinadas a ser expulsas ou, pelo menos, a “reduzir a nada a quantidade de excitação que lhe chega” (Freud, 1924/1984d, p. 165; cf. Catelli, 2019).

Paulatinamente, Mirta foi mostrando sua luta contra a sexualidade, contra o corpo – como um ser demoníaco –, em um frenesi extremista. O outro como semelhante deixava de sê-lo para se transformar num próximo sinistro, cruel e rejeitado, em um grau máximo de alteridade e repúdio. Esse “estrangeiro”, como na tragédia de Édipo, estava nela, o ser sinistro que foi sua mãe, ela mesma, sua sexualidade e, transferencialmente, seu analista. A alimentação parenteral era a alimentação que pretendia da análise – gota a gota – e, por outro lado, a única que toleraria, ao menos por vários anos. Consequentemente, esse era o modo possível para uma progressiva maior tolerância às sessões, que cada vez ela ia solicitando com maior frequência e das quais, simultaneamente, se queixava de maneira insistente, pelo sentimento de humilhação que lhe despertava admitir esse anseio. De modo inversamente proporcional a esse processo, foram diminuindo suas práticas bulímicas e foram aparecendo maiores e melhores desenvolvimentos profissionais relacionados com a alimentação parenteral, o desenvolvimento de projetos de qualidade em saúde pública e assessorias em gestão de medicamentos e recursos de farmácia para serviços públicos de saúde, que a foram transformando

primeiro em referência nacional nessas temáticas e depois em referência em diversos países da América hispânica.

De uma sessão, cinco anos depois do começo da análise

Mirta chega com contraturas e dor de cabeça. Diz ter uma contratura que lhe toma a parte superior das costas, o ombro e o trapézio esquerdos, bem como a zona esquerda do pescoço.

Seu lado esquerdo é o mais próximo da minha poltrona quando ela está no divã. Esse é o lado por onde chegam minhas palavras, o lado mais perto de mim. A contratura parecia um modo de inibir seu movimento dirigido a mim, uma maneira possível de expressar o desejo de se aproximar e, simultaneamente, de se inibir: desejo e recalque no mesmo sintoma. A contratura desse setor de seu corpo, desse lado, meu lado, poderia mostrar também o desejo de estender a mão, tal como havia aparecido num sonho recente, a um “desconhecido” com quem cruzava numa rua perto do meu consultório. Inibir esse lado do corpo, com a contratura, talvez simbolizasse o temor de estar em um contato mais próximo, como modo de evitar esse risco que evidencia seu desejo.

Está dolorida e a vejo rígida. Depois de comentar com muito peso esse padecimento, relata o seguinte: “Esmeralda [sua cachorra de estimação, um animal de tamanho pequeno] fraturou hoje a mesma patinha”. Já tinha fraturado essa pata um ano antes aproximadamente, quando caíra do terraço do quarto de Mirta, no primeiro andar da casa, em que tinha sido “presa do lado de fora” para “não sujar dentro”.

Esmeralda, uma pedra, preciosa. Embora não seja esse o nome real da mascote, é um nome similar. É um nome que, em si mesmo, faz referência à rigidez, à dureza do recalque, à rocha viva também, como ponto-limite, e ao mesmo tempo a outro aspecto “precioso” – talvez o dos afetos, o dos impulsos de Mirta – que esse tipo de pedra tem e em relação ao qual a análise continua avançando.

“Saiu pro quintal, correu e fraturou a pata, acho. Mas acho que tudo isso é porque não gosto mais do Norberto [seu namorado atual, ex-colega do primário, com quem voltou a se encontrar há uns dois anos numa reunião de ex-alunos].”

A base narcisista impõe a oposição binária entre dentro e fora, ou sair ou ficar, na situação de luto interminável dessa mãe que lhe deu mamadeira até os 24 anos, mantendo-a nesse lugar do bebê morto – aquele irmão nascido na Espanha –, numa paisagem de crueldades múltiplas que tinha de tentar refrear com seu submetimento contundente.

PACIENTE: Mas não consigo me separar, apesar de achar que não gosto mais dele.

Antes, quando era o Leandro, dava conta de tudo sozinha. Agora não, não sei...

ANALISTA: Conte-me o que está acontecendo. Como é isso de que você não gosta mais do Norberto?

PACIENTE: É que ele reclama muito. Principalmente por causa da cachorra, porque ela não aprende a fazer xixi e cocô no seu lugar, no lugar certo. E ele reclama: “Essa cachorra! Essa cachorra!”. Fica dizendo sem parar. Mas não consigo dar bronca nela, já desisti. E quando está mais bravo, fala do cachorro, com O, como sendo mais depreciativo! “O cachorro tem de ficar fora!”

Norberto propõe deixar a cachorra fora, em vez de ensiná-la a fazer xixi e cocô no lugar certo. A lei do pai é a que ensinaria o filho a viver com os instintos, não aquela que deixa a pulsão de fora. Nesse sentido, “a cachorra” é a condensação dos aspectos infantis, sexuais, uretrais, anais, em relação aos quais Mirta se sente agora com um pouco menos de temor. Desde esse lugar, ela mesma, Mirta, me critica por uma ideia que poderia ser algo como: “Olha como estou! Levantamos o recalque, saí correndo e agora me fraturei. Estou com esse cara aqui dentro que me faz ‘pôr a mão no pau’ e pretende deixar os instintos de fora”.

Parecia que do ponto de vista psíquico não estava preparada para levar adiante certos atos psíquicos completos, ou pretensamente completos, no sentido freudiano, que conduziriam, após um processo elaborativo, a uma modificação da realidade. No entanto, o desenrolar do processo vai mostrando esse percurso do ato psíquico completo, com modificações aloplásticas evidentes. São modificações subjetivas que vão surgindo e que simultaneamente Mirta rejeita.

Norberto está trabalhando como zelador de um edifício – o edifício em que mora a mãe de Mirta. É ele que faz a limpeza e põe o lixo para fora. Em seu papel de zelador, transforma-se num “bioquímico” degradado, mas com essa mesma função do especialista em farmácia, que deixa a sujeira fora.

Na transferência, o “analista-Norberto” deixa Mirta quente e depois não reconhece o que provocou? Nesse sentido, seria uma crítica: primeiro o analista a provoca e depois a faz esfriar.

A mãe a “simbiotizou” com extrema crueldade. Não tolerou seu crescimento nem respeitou sua independência subjetiva. Não lhe deu consistência, ficando confundida entre superprotetora e referência. Nesse sentido, a mãe a prefere infantilizada e regressiva, mas não instintiva. E aí Norberto lhe pede que pode os instintos. Uma lei do pai eficaz seria aquela que pudesse “atrair” a filha para que não fique engolida pela mãe. Os homens que gostam de cachorros, que seriam aqueles que tomaram para si suas próprias pulsões, dominam as “cachorras-mulheres”. Não saber como se educam os cachorros, por parte

de Mirta, implica pedir ajuda ao homem – a Norberto, seu companheiro, e também a mim, como seu analista –, mas nesse ponto Norberto larga a cachorra fora, agora que esse aparelho psíquico começa a ganhar tridimensionalidade, maior possibilidade de tolerar o objeto e inclusive desejá-lo. Desse modo, me pergunta na transferência se entendo de cachorras, desses instintos femininos, a fim de abrir uma nova cena, a fim de não ter de apelar para o recalque. Nessa linha, também está fazendo um pedido para que o tratamento e eu a ajudemos a integrar as pulsões parciais: o anal, o fálico, sua bissexualidade.

A partir desse gozo, Norberto, o “zelador” do edifício, o encarregado de pôr a sujeira para fora, viria a se posicionar num lugar de certo agente do recalque, e ela, “a cachorra”, que agora pode entrar nesse outro contato consigo mesma, sente que não consegue pôr ordem nessa pocilga, porque parte dela mesma está implicada nisso que é representado e simultaneamente expulso.

Não quero ter um cachorro para que fique fora. Estou do mesmo jeito que na última etapa com Leandro, mas me sinto muito diferente. Encaro ele de outro jeito, inclusive quando não o espero e vou dormir cedo. Não o espero mais para ir dormir. Vou inclusive antes, mais cedo. Não me interessa falar com ele. Por outro lado, ele discute tudo o que digo, e isso eu não aguento mais. Espero também que ele possa coisas que antes eu não podia.

Mirta era a obsessiva do xixi e do cocô, a bioquímica, a farmacêutica especialista em preparação de alimentação parenteral. Mas agora “a cachorra” continua dentro da análise, dentro da casa, em seus vínculos e mais tolerante com tudo aquilo que lhe produzia um verdadeiro horror em outras épocas.

Em certo sentido, pode-se pensar que “a cachorra” é uma referência ao sexual que, na devida ocasião, se tentou deixar de fora (fora do quarto, fora da cama, fora do consultório), fora do vínculo edípico, pretendendo-se que não existia. A cabine de fluxo laminar, a defesa *Abwehr*,⁷ não tem o mesmo funcionamento nesse momento, na situação psíquica de Mirta, já que está muito mais “contaminada”, “suja” – como uma cachorra, poder-se-ia dizer –, castrada (com a pata rompida) e mostrando na situação transferencial a demanda de cura.

Como ainda é precária em sua possibilidade de fazer uso de sua instintividade, poder-se-ia dizer, então, que se quebra. Isso a leva novamente a sua imobilidade, ao estilo de uma saída rápida da adultez para a qual ainda não

7 *Abwehr* – “defesa”, em alemão – é o termo utilizado por Freud como antecessor do termo *Verdrängung*, “recalque”. A partícula *ab*, que chega ao idioma alemão, assim como a outros idiomas, pelo latim, dá a ideia de separação, desgarramento, repúdio ou desprendimento. *Wehr* – defesa, dique, quebra-mar, represa, força –, em combinação com esse prefixo, dá uma ideia que a cabine de fluxo laminar ilustra claramente: o esforço intensificado de se livrar, de se separar de toda sujeira – nesse caso – ou partícula contaminante.

está preparada: apenas está começando a registrar o xixi, o cocô; quer que não compliquem sua vida, mas ao mesmo tempo tampouco quer deixá-los de fora.

Ir dormir antes é algo assim como “amputar-se” do vínculo com o homem que lhe manda “podar” seus aspectos pulsionais. É um amputar-se que implica a retração do outro, um apartar-se. Também na transferência erotizada poderia surgir a possibilidade de abrir um novo vínculo com o homem, ante o qual normalmente se retrai, se endurece – as contraturas mostrariam algo disso – e finalmente se amputa.

A criança fica sozinha com seus impulsos e sua própria crueldade se os pais não contêm seus transbordamentos, não podem funcionar como “barreira de proteção antiestímulos”, para filtrá-los e torná-los mais toleráveis. A criança se vê obrigada a amputar, a recalcar.

No colégio de Martín, o filho de 10 anos que teve com Leandro, houve um acampamento e Dante, colega de classe de Martín, ficou fora do grupo de amigos porque o outro, Nico (fazendo referência a um terceiro, outro colega dos meninos, da mesma classe), não quis. Nico tem muito ciúme de Martín, e por isso quer que Dante fique fora. Dante absorve muito o Martín, e disso Nico não gosta nada, não aguenta. Sabe como são as crianças...

ANALISTA: Uns cachorros? [Tanto pela sexualidade rechaçada, como pela crueldade entre as crianças, fazendo referência a esse significante surgido em sessão.]

PACIENTE: [Ri estrondosamente.] Sim, e mais que isso! São terríveis, são muito ciumentos e fazem essas crueldades. Mas aí deu confusão com a Daniela [a mãe de Nico, com quem estabelecera um vínculo bastante amistoso durante os anos transcorridos na escola primária de Martín]. Ainda por cima o professor disse: “Bem, não tem problema. Os que ficaram de fora podem fazer um grupo à parte”. Imagina só, o grupo dos excluídos! Mas o que acabou comigo foi que a Daniela só pensou em que seu filho não ficasse mal, sendo que foi o garoto quem excluiu o Dante por ciúmes. Ela só se importa com o filho dela.

Mirta quis sair da clausura e agora, com seu progresso, sente-se envolvida em tudo ou, ao menos, muito mais envolvida em cada coisa que ocorre em sua vida, na de seu filho, no colégio, no acampamento, com os colegas e com seu companheiro. Traz para a análise situações de desamor, de solidão, e pode ir alojando ali, na análise, esses sentimentos.

Agora aparecem as exclusões, os ciúmes, as triangularidades próprias da situação edípica, que durante a maior parte de sua vida teve que dissimular, desconsiderar e até rejeitar. Esse cenário de triangularidades é para Mirta um cenário novo e abre, junto com as situações vividas com o filho, uma nova dimensão a respeito de sua própria história. “Estar de fora” é muito difícil, mas “estar dentro” também é um inferno.

Pode-se dizer que primeiro houve o “culto a sua mãe”, como díade que tentou sustentar numa ilusão louca de complementaridade e completude, e que, embora nunca tenha ficado hermeticamente fechada, conseguiu encerrá-la amplamente em vínculos simbióticos, diádicos e negadores da terceiridade, a mesma terceiridade que seu pai não pôde encarnar. Um pai que por sua “lentidão”, seu “espírito *coya*” – tal como ela o define –, não pôde intervir para resgatá-la desse vínculo aprisionante, que a enredou a sua mãe.

De outra sessão, um mês depois da anterior

Mirta volta a falar das dificuldades com Norberto, em função de suas “incapacidades” para cuidar dela e se ocupar da “cachorra”. No entanto, diz que “está se virando melhor e que aos poucos a cachorra aprende um pouco”.

Elena, sua cunhada, também farmacêutica, foi mandada embora do [hospital] Alemão. Disseram-lhe que estavam procurando uma pessoa mais nominal.

ANALISTA: O que quer dizer isso?

PACIENTE: E... algo como... que não existe. Elena não é assim. Ela é muito forte, questionadora, tem uma personalidade avassaladora. Eles estavam procurando alguém que não pensasse. Mais nominal, isso. Acho que queriam dizer algo como que só tenha um nome, não uma existência própria. Que não perturbe, que não incomode, que não traga problemas, que não questione, que não entre em conflito com ninguém. Exatamente o que Elena não é, não faz, nem nunca acontece com ela. Tanto que devo dizer que fiquei impactada de vê-la abatida, agarrando-se a um santinho quando teve o ataque de pânico.

Elena, a questionadora, tal como ela a via, aparece com o santinho, e encontrá-la nessa situação é para Mirta como se a tivesse encontrado agarrada a uma foto da mamãe. Sem a couraça fálica ante sua desproteção, por estar castrada, adota a couraça narcisista para que o outro não se meta, para que o outro não a domine.

Ser nominal poderia também significar “ter nome”, ao estilo de ter sobrenome, mas com um pai vazio. Um nome do pai vazio e até uma mãe vazia, “morta”, bidimensional, como um santinho. Nesse sentido, o anseio por um deus responderia à busca de uma proteção que os pais não conseguem dar.

PACIENTE: Aquela vez em que a levamos [ao hospital Alemão] pelo ataque de pânico. Já fazia um ano que trabalhava lá. Fiquei meio impressionada, porque nunca tinha estado nesse hospital. Tudo tão limpinho, tão arrumadinho, tão

“alemão”, com cartazes nos dois idiomas... Pensava em você, que anda com os alemães, e neste consultório tão bagunçado, com tanto livro, papéis, que nunca dá para limpar isso bem...

ANALISTA: Com os alemães e com a cabine de fluxo laminar por perto.

PACIENTE: [Ri fortemente.] Sim, já sei. Tem razão. Um pouco de cabine de fluxo laminar você sabe que sempre me puxa.

ANALISTA: Este é um ponto importante: te puxa.

PACIENTE: Não, não. [Ri novamente.] Me puxa no sentido de que me puxa porque me atrai, sempre gosto um pouco, embora agora eu pareça uma desleixada total, toda desarrumada [diz com certa ironia, me parafraseando]. Mas tanta arrumação alemã também me deixou meio mal. Agora banco tua poeira [*tierrita*] na biblioteca. [Ela se refere a várias situações em que nas sessões se incomodava muito ao ver um pouco de *tierrita* – tal como ela resolvia chamá-la – na biblioteca do consultório, ou na mesa de escritório, ou então em alguma estante, sentando-se, então, na borda do divã, numa atitude de não querer encostar em nada, não querer se sujar ou não querer se contaminar.] Acho que vou me acostumar.

ANALISTA: São várias as coisas que você “banca”.

PACIENTE: Sim, são várias. Estavam fazendo o eletro na Elena e estava demorando muito. Então me meti. Meu irmão não se metia, ficava de fora. Então eu entrei. E aí a encontrei com um santinho na mão. Me surpreendeu. Com um santinho!?, pensei comigo... E sim, com um santinho. Mas quando viu que eu tinha entrado, quando viu que estava olhando para ela, então virou pra baixo, como com vergonha de mostrar o que estava fazendo, como se a tivesse pegado em flagrante.

ANALISTA: E qual é o santinho que temos de virar pra baixo para que não se note, para que não se veja?

PACIENTE: Não sei. Não fico com taquicardia se fico em pânico. Mas vomito e, nesse caso, não consigo parar. E sinto que Elena não reconhece como loucuras essas situações em que começa a ter taquicardia. Ela brigou muito com a chefe, fica muito agressiva. Mas acha que é assim, que é normal mandar emails jogando merda no ventilador e que as pessoas vão bancar isso sem mais nem menos.

ANALISTA: Será a agressão, então? Serão os vômitos que ficam de fora? O que fica vomitado, de fora?

PACIENTE: Não. Também não. Não sei. Vomitar, não estou vomitando. Já faz muito tempo que não vomito. Parece que não sai, que não consigo vomitar. Mas acho que, se fico em pânico, aí sim sai o vômito. É como uma descarga, acho. Mas se me proponho a vomitar como antes, não consigo. Tudo isso [referindo-se à análise, com tom muito irônico, mas sedutor] me complicou o vomitar. Agora quero mas não sai. Quando quero vomitar, não dá para controlar, nem manejar como antes.

Transferencialmente, a queixa poderia ser: “O que você fez comigo? Agora quero vomitar e não consigo! Você me deixou nominal?”. Prossegue a transferência negativa, mas com outros elementos, apresentada de um modo mais “neurótico”.

ANALISTA: Bem, a minha foto poderia estar no santinho. Você pode se zangar tranquila com o santinho. Acho que agora tem algo mais entre a bronca e o vômito.

PACIENTE: Sim. Tem algo mais, que com a Elena não acontece. É como se ela tivesse a reação imediata e não registrasse. Não registra que é ela. Não registra o que acontece com ela. Ou que está louca.

Viver a situação da neurose de transferência implica uma moléstia nova, essa nova doença que abriu um mundo novo, mas que ao mesmo tempo lhe desperta a necessidade de “se curar dela”. Primeiro foi “curar-se da mãe”, agora “da neurose de transferência”. Ingressar na neurose de transferência também implica atravessar o inferno, mas de mãos dadas com um “Virgílio-analista”. Nesse sentido, “curar-se” da neurose de transferência seria transitar por ela, atravessar esse inferno, tal como na citação da *Eneida* na epígrafe de *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/1979).

Tempo de concluir e abrir algumas perguntas

Ante a crueldade humana, nós, analistas, aprendemos com Freud a compreender sua natureza em sua origem pulsional, na constituição frágil e dependente do sujeito e no encontro com o outro, esse com quem se constitui e com quem, por sua vez, irá se expressar a ambivalência das dimensões em que terá lugar a paleta de afetos, entre os quais está a crueldade, em seus diversos modos de manifestação. O laço social marca um ponto de inflexão crucial, enquanto encontro com o Outro do social, com a condição necessária de refreamento da crueldade, via identificação. Abre-se, então, de modo renovado, a pergunta sobre o ponto impossível de um universo humano sem essa “pulsão à crueldade”, não sem um horizonte possível no tocante a uma aposta em relação ao encontro com a diferença. O encontro com o outro e a abertura das dimensões do próximo e do semelhante apresentam algumas chaves possíveis para estabelecer possíveis caminhos para os interrogantes relativos à crueldade na natureza humana, para além de qualquer consideração moral.

Com Mirta, cruzar certo Aqueronte implicou uma passagem na análise, um *alea jacta est*,⁸ para cruzar seu Rubicão, com toda a dor de tolerar mais alguém em sua viagem – outro que voltava a ser reiteradamente semelhante e diferente, em um laço transferencial que estava a cada instante ameaçado – e, ao mesmo tempo, com o alívio de ser recebida, como a menina transbordando de angústias e ódios descontrolados, que ainda assim poderia ser alojada, para reconstruir reiteradamente esse encontro, dosificando a ameaça de surgimento da crueldade, palavra a palavra, em um gotejo permanente e cuidado em cada sessão.

Quem em um princípio foi protetor e assistente isento ante o desvalimento inicial pode se tornar ameaçador, cruel perseguidor, portador da ameaça de morte. O semelhante se transforma nesse próximo desconhecido e perigoso, na radicalidade mais extrema do estrangeiro diferente de si mesmo e, ainda assim, vivido também no seio do si mesmo, como um estrangeiro temido que habita no próprio ser.

O imperativo superegoico, como objeto interno devorador de excitação, oprime e exige renúncias pulsionais que conduzem à morte. Esse haverá de ser o cenário que mostra um particular modo de funcionamento e laço com o objeto, que se atualiza na cena transferencial, onde esses transbordamentos furibundos voltarão a se fazer presentes. É aí que o analista poderá ter, potencialmente, a oportunidade de operar desde o lugar de um possível Virgílio que há de conduzir a paciente por seus infernos, refreando agora o que não pôde acontecer em sua vida e inaugurando, no melhor dos casos, um novo modo de funcionamento com seus objetos, não sem o desafio para o qual nos advertem a *Eneida* e Freud: “Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo” – “Se não posso vencer os céus, moverei o Inferno”.

La crueldad y los modos de funcionamiento del aparato psíquico: las consecuencias del encuentro con el Otro

Resumen: En el presente trabajo se ponen en tensión las ideas de crueldad, tal como se presentan en ciertas apariciones en las teorizaciones freudianas, con las conceptualizaciones acerca del aparato psíquico formulado a lo largo de la obra de Sigmund Freud. Se toman estas modalidades de funcionamiento mental, como posibles paradigmas explicativos en los que se pueden identificar posibilidades de presentación del psiquismo en la clínica, para abrir posibles vías para pensar y analizar los modos de irrupción de estas categorías. Se presenta un caso de una joven mujer, que llega al análisis con conductas bulímicas y en un profundo sometimiento a la figura materna, con quien ha sostenido una especie de “lactancia” a

8 “A sorte está lançada”, enquanto desejo decidido de realizar um ato psíquico completo, que nesse sentido culmina com a modificação na realidade, não como acting out, ou passagem ao ato, mas como consequência de mudança aloplástica, a partir de tal elaboração analítica.

lo largo de los primeros veinticuatro años de su vida. A partir de las formulaciones teóricas precedentes, se analiza, en función del caso presentado, la presentación de la crueldad en su mundo enloquecedor y se desarrolla parte del proceso del psicoanálisis llevado adelante.

Palabras clave: bulimia, anorexia, crueldad, prójimo, semejante

Cruelty and the modes of functioning of the psychic apparatus: consequences of the encounter with the Other

Abstract: This work compares the ideas of cruelty, as they appear in certain works in the Freudian theorizations, with the conceptualizations about the psychic apparatus formulated throughout the work of Sigmund Freud. These modalities of mental functioning are taken as possible explanatory paradigms, in which possibilities of the manifestation of the psyche in the clinic can be identified to open possible ways to think and analyze the modes of irruption of these categories. The study describes a case of a young woman, who arrives at the analysis with bulimic behaviors and in a deep submission to the mother figure, with whom she has sustained a kind of “lactation” throughout the first twenty-four years of her life. Based on the preceding theoretical formulations, the manifestation of cruelty in the maddening world of the patient is analyzed, and part of the psychoanalytic process carried out is developed.

Keywords: bulimia, anorexia, cruelty, neighbor, fellowman

La cruauté et les modes de fonctionnement de l'appareil psychique : les conséquences de la rencontre avec l'Autre

Résumé : Dans ce travail, l'auteur confronte les idées de cruauté, tel qu'elles se présentent dans certains passages des théorisations freudiennes, aux conceptualisations concernant l'appareil psychique qui ont été formulées tout au long de l'œuvre de Sigmund Freud. Il considère ces modalités de fonctionnement mental comme des éventuels paradigmes explicatifs où l'on peut identifier des possibilités de présentation du psychisme dans la clinique, afin d'ouvrir des voies qui permettraient de penser et analyser les modes d'irruption de ces catégories. Il nous montre le cas d'une jeune femme qui arrive à l'analyse ayant de comportements boulimiques et profondément soumise à la figure de la mère, avec qui elle a maintenu une espèce de latence pendant les premiers 24 ans de vie. En s'appuyant sur les formulations théoriques précédentes, il analyse la manifestation de la cruauté dans ce monde qui rend la patiente folle, et il démontre une part du processus de psychanalyse qui a été développé.

Mots-clés : boulimie, anorexie, cruauté, prochain, semblable

Referências

- Breuer, J. & Freud, S. (1985). Estudios sobre la histeria. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 2). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1893-1895)
- Catelli, J. E. (2014). Puntualizaciones sobre el narcisismo, cien años después. *Revista de Psicoanálisis*, 71(4), 761-779.
- Catelli, J. E. (2016a, 25-28 de maio). *Acerca de los desbordes: historia de una lactancia prolongada... por veintitrés años* [Apresentação de trabalho]. 10º Congresso Argentino de Psicanálise, Buenos Aires, Argentina.
- Catelli, J. E. (2016b, 25-28 de maio). *El prójimo y el semejante: de la constitución del aparato psíquico y los destinos de la pulsión* [Apresentação de trabalho]. 10º Congresso Argentino de Psicanálise, Buenos Aires, Argentina.
- Catelli, J. E. (2019). *Dos modelos de funcionamiento del aparato psíquico, en una paciente con conductas bulímicas, a lo largo de su tratamiento psicoanalítico* [Texto não publicado].
- Catelli, J. E. (2020). Complejo del prójimo – semejante. In Asociación Psicoanalítica Argentina, *Diccionario Argentino de Psicoanálisis*.
- Catelli, J. E. & Zaefferer, T. (2013). El dolor a partir de la constitución melancólica del aparato psíquico. *Revista de Psicoanálisis*, 70(1), 161-177.
- Freud, S. (1978). Tres ensayos de teoría sexual. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 7, pp. 109-224). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1979). La interpretación de los sueños. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vols. 4-5). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1984a). Duelo y melancolía. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 14, pp. 235-256). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (1984b). Introducción del narcisismo. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 14, pp. 65-98). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1984c). Más allá del principio de placer. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 18, pp. 1-62). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1984d). El problema económico del masoquismo. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 19, pp. 161-176). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (1986a). Inhibición, síntoma y angustia. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 20, pp. 71-164). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (1986b). El malestar en la cultura. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 21, pp. 57-140). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1986c). Moisés y la religión monoteísta. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 23, pp. 1-132). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1939)
- Freud, S. (1986d). Proyecto de psicología. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 1, pp. 323-446). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950[1895])
- Freud, S. (1986e). El tabú de la virginidad. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 11, pp. 185-204). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1918)
- Winocur, J. O. (1996). El narcisismo y la identificación narcisista. *Revista de Psicoanálisis*, 53(1), 227-253.
- Žižek, S., Santner, E. L. & Reinhard, K. (2010). *El prójimo: tres indagaciones en teología política* (C. Piña, Trad.). Amorrortu.

Tradução de Claudia Berliner

Recebido em 16/2/2022, aceito em 2/3/2022

Jorge Eduardo Catelli
jorgecatelli@gmail.com